Revista Gestão & Políticas Públicas

Resenha

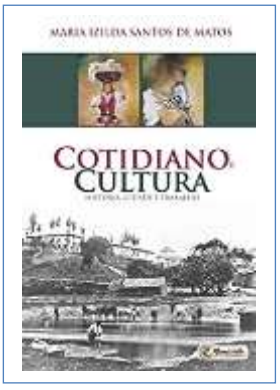
Vida Cotidiana, Trabalho e Gênero: outras histórias para a história da cidade

Daily Life, Work and Gender: other stories for the history of the city

Vida Cotidiana, Trabajo y Género: otras historias para la historia de la ciudad

Vie Quotidienne, Travail et Genre: d'autres histoires pour l'histoire de la ville

Obra: Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho
Autor: Maria Izilda Santos de Matos
Cidade: São Paulo
Editora: e-Manuscrito
Ano: 2019
Páginas: 210 p.
ISBN: 978-85-93955-48-8



Martin Jayo[1]

[1] Bacharel em Ciências Econômicas e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil. Atualmente, é docente no bacharelado em Gestão de Políticas Públicas e no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: martin.jayo@usp.br

Publicado originalmente em 2002, "*Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*", de Maria Izilda Santos de Matos, teve em 2019 nova edição, revista e ampliada. Publicado em São Paulo pela editora e-Manuscrito e contando com 210 páginas, o trabalho resulta de extensa pesquisa em um leque amplíssimo de fontes documentais, que abarcou desde fontes médicas até a pesquisa em arquivos históricos de jornais, passando por boletins, atas e estatísticas oficiais, leis, resoluções e demais atos de legislação, relatos de cronistas e memorialistas, além de correspondências e fontes orais.

Historiadora com graduação (1978) e doutorado (1991) pela FFLCH-USP e Livre-docência (2016) pela PUC-SP, Maria Izilda Santos de Matos atua desde 1987 na Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, onde hoje ocupa o cargo de professora titular. Com atividades de pesquisa dirigidas à História do Brasil, é autora de livros como *O imaginário em debate* (1998). *Melodia e Sintonia: o masculino, o feminino e suas relações em Lupicínio Rodrigues* (1999), *Dolores Duran: Experiências boêmias em Copacabana nos anos 50* (2002), *A Cidade em debate* (1999), *Meu lar é o botequim* (2002), A *cidade, a noite e o cronista: São Paulo de Adoniran Barbosa* (2008), além de uma profícua produção na forma de artigos em que se dedica, entre outros temas, à industrialização, à imigração e urbanização no Brasil e suas implicações na cultura, nas relações de trabalho e nas relações de gênero.

Estes temas – imigração, urbanização, industrialização –, com especial ênfase nas cidades de São Paulo e Santos, compõem o eixo de interesse desta obra em particular, em que são tratados pelas lentes dos estudos do cotidiano.

É intenção declarada de *Cotidiano e Cultura* contribuir para o que a autora costuma chamar de "outras histórias", isto é, uma História baseada em fontes alternativas em relação às da historiografia mais tradicional, e principalmente que dê visibilidade a atores e experiências normalmente silenciados, invisibilizados, pouco ouvidos pelas fontes tradicionais. É nesse sentido que Maria Izilda Matos procura, neste livro, investigar as experiências de homens e sobretudo mulheres comuns, dirigindo atenção a suas condições laborais e estratégias de sobrevivência, suas relações no (e com) o espaço urbano, e sua vida no espaço privado doméstico. Nesse mesmo sentido, a autora dá especial ênfase à perspectiva de gênero, analisando as especificidades da experiência feminina, seja no espaço público, seja no cotidiano do trabalho doméstico e domiciliar, experiência esta geralmente deixada "na sombra" pela historiografia mais tradicional.

Para tanto, o livro (em sua versão revista e ampliada de 2019, que resenhamos aqui) se organiza em três partes, sendo as duas primeiras formadas cada uma por três capítulos, e a terceira, por quatro.

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

Na Parte I a autora oferece um panorama dos estudos do cotidiano desde sua origem até os dias atuais, relacionando seu desenvolvimento ao de outros dois campos das ciências humanas e sociais: os estudos de gênero e os das cidades. A discussão empírica é focada nas cidades de Santos e São Paulo, mostrando como o processo de imigração europeia e as transformações urbanas a partir do final do século XIX reconfiguraram os espaços público, privado e íntimo, bem como as relações experienciadas no cotidiano em cada um deles. Aí se incluem os papéis desempenhados de um lado pelos homens, de outro pelas mulheres que, no contexto da imigração, estabeleciam meios de vida e sobrevivência nesses espaços.

Na Parte II a discussão prossegue enfatizando mais especificamente as experiências cotidianas de trabalho dos e das imigrantes. A análise destaca a atuação dos homens no ambiente público, e em especial a das mulheres no ambiente privado (doméstico), com destaque para a caracterização do trabalho feminino realizado "para fora" porém porta adentro, no interior dos domicílios. Finalmente, a Parte III expande a reflexão a respeito do cotidiano, discutindo a singularidade das relações entre o trabalho domiciliar e o trabalho doméstico nos lares operários, as tensões entre patrões e empregados/as nos lares burgueses, entre outros aspectos do cotidiano de trabalho vivido no interior dos domicílios.

Cotidiano como Lente de Análise

Como expressa a autora no primeiro capítulo ("Cotidiano e Cidade") da Parte I, a crise dos paradigmas tradicionais da História, no século XX, e o advento de preocupações com as já mencionadas "novas histórias" têm levado a um crescente interesse por estudos que contemplem o cotidiano. O capítulo é então dedicado a refletir sobre o sentido dos estudos do cotidiano e sua relevância como lente de análise.

Tal interesse pelo cotidiano surge ainda na década de 1930 (a autora faz referência à série *La vie quotidienne*, lançada pela editora francesa Hachette, como marco inicial da trajetória), e se desenvolve até hoje. Trata-se de um movimento pelo qual se veio ampliando a área de investigação histórica, com marcos conceituais e metodológicos renovados, a partir do que Maria Izilda Mattos chama de "descoberta do político no cotidiano".

Por esta expressão, a autora se refere ao fato de que os historiadores passaram a entender que as relações anônimas do cotidiano são merecedoras de atenções de pesquisa na medida em carregam marcas das relações de poder. Desta forma, os estudos do cotidiano não despolitizam a análise. Pelo contrário, trata-se de estudar como elementos relacionados ao cotidiano do trabalho, às estratégias de sobrevivência, às relações de gênero, se manifestam ou se refletem no processo histórico. É essa a proposta do livro ao filiar-se aos Estudos do Cotidiano e, com essa lente, olhar para arelações travadas entre pessoas comuns, homens e mulhreres anônimas, na São Paulo e na Santos da imigração.

Ao propor-se a fazer isso, o estudo do cotidiano normalmente incorpora o uso de uma diversidade de fontes e documentações, tais como "[…] a legislação repressiva, fontes policiais, ocorrências, processos-crimes, literatura e provérbios, cronistas, memorialistas e folcloristas, canções e

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

músicas [...]" (Matos, 2019, pos. 128[1]), o que se se reflete na já citada variedade de fontes a que Maria Izilda recorreu em sua pesquisa.

O Gênero Como Categoria nos Estudos do Cotidiano

Assim como tem crescido o interesse pelos estudos do cotidiano, Maria Izilda Matos discute no segundo capítulo ("Cotidiano e gênero) da Parte I a importância adquirida nas últimas décadas pelo gênero como categoria ou perspectiva de análise. Assim a autora dedica o capítulo 2 a discutir essa trajetória, situando a perspectiva de gênero como campo de investigação.

Em termos internacionais, como situa Izilda Matos, as atenções de pesquisa à relação entre o masculino e o feminino, à temática da mulher, sua participação na sociedade e seu papel nos processos sociais e históricos, remonta aos finais da Segunda Grande Guerra e adquiriu um crescimento mais contínuo a partir da década de 1960. No Brasil, esta perspectiva desembarca com mais força durante os anos 1970, em investigações relacionadas sobretudo a questões do trabalho feminino e ao papel da mulher nos meios e estratégias de sobrevivência familiar. As abordagens e temas de pesquisa se diversificam a partir dos anos 1980, em direção a novos assuntos para além do mundo do trabalho, como a maternidade, educação, sexualidade, lutas femininas. Nesse processo, diz a autora, contribuiu-se para desfazer a noção abstrata, essencialista e a-histórica de "mulher", em direção a uma compreensão que, sem esquecer a opressão histórica das mulheres, não as considere como um "simples aglomerado" ou categoria monolítica, mas leve em conta entrecruzamentos com categorias como classe, cultura, etnia, geração, religião, ocupação.

A expansão dessas pesquisas, e a difusão dos estudos que levam em conta a categoria de gênero nessa versão "desessencializada" ou entrecruzada transversalmente com as categorias acima, constitui importante lente analítica para enfocar o lugar de mulheres e de homens nos espaços público e privado no contexto urbano da imigração, as relações entre o espaço doméstico e o exterior, as formas de trabalho e estratégias de sobrevivência perseguidas dentro e fora dos domicílios, enfim às experiências e relações travadas no cotidiano. Daí a importância do gênero como categoria de análise no livro de Izilda Matos.

Presença do Imigrante na Expansão Urbana de São Paulo

Com essas lentes de análise apresentadas nos dois primeiros capítulos – o estudo do cotidiano e, junto com ele, a consideração de categorias de gênero – o livro avançará para a reflexão sobre a presença e o papel da e do imigrante na expansão urbana experimentada a partir de fins do século XIX pelas cidades de Santos e, com mais ênfase, São Paulo. Este é o tema do terceiro capítulo ("Cotidiano e sobrevivência") da Parte I. É o período em que o antigo "burgo de estudantes" que São Paulo fora durante a maior parte do século se transforma de forma acelerada. Obras

[1] A leitura do livro resenhado foi feita em exemplar eletrônico (formato ePub), por essa razão nas citações textuais indicamos a posição e não a página.

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

públicas, demolições, construções, chegada da linha férrea, criação/construção/loteamento de novos bairros para além da colina histórica e início do processo de industrialização fazem parte desse processo. Junto com esses elementos, também fazem parte dele homens e mulheres que, movidos pela necessidade e/ou pelo "sonho americano", chegam da Europa ou dos interiores do estado (neste caso, tendo passado pelo trabalho nas lavouras do café) e, baseados em laços de parentesco e redes de solidariedade, se instalam na cidade. As áreas mais baixas e úmidas da cidade de São Paulo passam a abrigar, muitas vezes precariamente, essas massas de imigrantes. Italianos no Brás, Bexiga e Mooca, japoneses na Liberdade, judeus no Bom Retiro, sírio-libaneses na região do Porto Geral (25 de Março), etc.

As dinâmicas do trabalho perpassavam o processo de vinda e estabelecimento desses contingentes de imigrantes, e continuavam perspassando suas experiências cotidianas uma vez aqui assentados. Exploração laboral, más condições de trabalho e habitação, estratégias cotidianas de luta, sobrevivência e adaptação às novas condições, definem sua realidade na cidade: um cotidiano que Izilda Matos observa recuperando e as estratégias de sobrevivência desses homens e mulheres na metrópole em crescimento, seja no trabalho formal ou na informalidade e improvisação.

No quarto capítulo ("Em busca da árvore das patacas"), primeiro da Parte II, a autora jogará luz de forma mais concentrada nas estratégias de trabalho e sobrevivência de um grupo de imigrantes em particular – os portugueses, que tiveram marcante presença em cidades paulistas, e em especial em Santos, no período 1890-1930. O capítulo recupera relações cotidianas e a dinâmica das ocupações desta comunidade. O capítulo faz uma detalhada análise dos fluxos de chegada de imigrantes dessa nacionalidade, que a princípio (entre 1887 e 1900) representavam 10% das entradas no estado de São Paulo, mas que tiveram essa participação significativamente aumentada, chegando a 30% nas duas primeiras décadas do século XX. Homens portugueses, registra a autora, ocupavam-se em profissões ligadas à construção – pedreiros, carpinteiros, pintores, marmoristas, vidraceiros – ajudando a erguer a cidade de tijolos, que tomava rapidamente o espaço que antes fora das construções de taipa, e expandindo seus limites, tanto no caso de Santos como no da capital. Outras ocupações frequentes eram as ligadas ao setor de transportes: motorneiros e cobradores de bonde eram majoritariamente lusitanos, bem como os trabalhadores das ferrovias e os das docas do porto de Santos, segundo estatísticas compiladas pela autora.

Mas a participação portuguesa na força de trabalho naturalmente não se restringia aos homens. Portuguesas empregavam-se com frequência na indústria de fiações e tecelagens de juta (fabricação de sacaria para o café), na indústria de cigarros e fumo, além da malharia, fabricação de chapéus, entre outros setores. Tanto mulheres como homens enfrentavam nas respectivas ocupações duras condições de trabalho, que Maria Izilda Matos recupera da análise de solicitações de assistência jurídico-econômica e reclamações consulares. Problemas com a moradia são igualmente dignas de nota, sendo comuns os cortiços e demais habitações precárias, e os problemas de saneamento. As vivendas e becos dos imigrantes eram com enorme frequência insalubres, e a gravidade disso evidenciou-se por ocasião de epidemias como as de febre amarela e peste bubônica (em 1918, também com a da gripe espanhola)

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

– problema que pautará os trabalhos de reurbanização e remodelação da cidade de Santos iniciados na primeira década do século XX.

Parte das estratégias frente a essas duras condições de vida dos imigrantes (e da comunidade portuguesa em Santos em particular) cabiam às mulheres, que em certos momentos empregavam-se como catadoras de café no porto e nas casas comissárias da região central de Santos, dedicavam-se à costura de sacaria, entre outras ocupações, como o comércio ambulante de verduras, ovos e outros gêneros alimentícios, que demandava pouco capital e portanto estava relativamente acessível como estratégia de ganho e sobrevivência. O trabalho como empregada doméstica também era frequente entre mulheres portuguesas. Há também registros de improvisações cotidianas femininas como a venda de alimentos no lar e/ou a prestação de serviços de pensão também no lar, o que juntamente com a costura e o bordado "para fora", compunham diferentes modalidades de trabalho feminino domiciliar.

Mulheres Imigrantes: presença e ocultamento

Se a chegada de novos contingentes populacionais trazidos pela imigração mudou o cotidiano urbano, homens e mulheres não eram visíveis da mesma forma na vida das cidades. Além disso, tradicionalmente os estudos sobre os processos de imigração deram atenção às experiências masculinas, silenciando a atuação feminina. No sexto capítulo do livro (Mulheres imigrantes: presença e ocultamento), a autora dirige atenção à ação cotidiana da mulher no contexto imigrante. Ao mesmo tempo, também se refere à vida cotidiana em outras cidades no interior do estado, para além de Santos e da capital, onde se dava o trabalho da mulher também na lavoura.

Na cafeicultura, o trabalho feminino (assim como o infantil) foi regra. No entanto, era caracterizado como "ajuda" ao trabalho masculino, e portanto ocultado. O homem, chefe de família, era quem era contratado e recebia os ganhos, porém o trabalho era desempenhado também pela mulher e filhos, que contribuíam decisivamente para a subsistência familiar. Além desse trabalho familiar no cafezal, remunerado ao homem, do qual eram parte "oculta", as mulheres também se encarregavam de cultivos próprios destinados à subsistência, como pequenas hortas, aves e outros animais, que contribuíam para a alimentação da família, e eventualmente para incrementos de renda pela comercialização de pequenos excedentes. E além disso também cabia à mulher a responsabilidade pelos afazeres domésticos, contribuindo para uma árdua rotina de trabalho feminino ocultado e desprestigiado.

Nas cidades, também está presente o fenômeno do ocultamento do trabalho feminino. Havia o trabalho nas fábricas mas também o "trabalho de agulha" domiciliar, por meio do qual operárias de costura eram empregadas para produzir em suas próprias casas. E havia o trabalho no comércio, a produção de doces e outros produtos alimentares de fabrico artesanal, o fornecimento de refeições para fora e o serviço doméstico, todos empregadores de mão de obra feminina em jornadas sobrepostas.

Muito dessa inserção feminina no cotidiano do trabalho é ocultada e

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

invisibilizada, e Maria Izilda Matos atribui três ordens de razões a isso: há o ocultamento cultural (ligado à visão patriarcal que naturaliza a dominação masculina e valoriza o trabalho do homem, não da mulher), o ocultamento legal (era o homem o contratado, ainda que o trabalho fosse desempenhado pelos diferentes membros da família, como já mencionado) e o ocultamento espacial (o trabalho feminino era desempenhado em grande parte no interior do domicílio; ao ser confinado, era menos visível).

O Cotidiano Transformado da Porta Adentro

Esse ocultamento do trabalho feminino que na própria casa (trabalho domiciliar), além do trabalho doméstico (em casa de patrões) como fonte de emprego e subsistência, indicam a relevância do tema de que se ocupam os quatro capítulos finais do livro, que compõem a Parte 3: é preciso pesquisar o "cotidiano porta adentro", desvendando as especificidades dessas formas de trabalho na formação das nossas cidades.

Novamente, a autora dá destaque aqui à experiência feminina. O capítulo 7 ("Criados de Servir") resgata a trama das relações de trabalho em casa de patrões e as tensões ali surgidas. Destaca-se aqui a dura rotina das trabalhadoras domésticas em domicílios burgueses e abastados, as características do espaço doméstico e seus equipamentos e utensílios, sobretudo com a introdução de água encanada, fogões a gás e outras inovações. A análise deste capítulo será complementada nos capítulos 9 e 10, que detalham aspectos das relações entre patrões e empregados no ambiente doméstico, ilustrando em pormenores as estratégias de sobrevivência estabelecidas nesse espaço, as condições de trabalho e as relações paternalistas estabelecidas entre criadas e patrões.

No capítulo 8 ("Criar e amamentar"), destacam-se as lavadeiras e as amas de leite, duas importantes ocupações pouco investigadas na história das cidades, que refletem estratégias femininas de sobrevivência criadas no cotidiano. A ocupação de lavadeira desenvolveu-se, no caso de São Paulo, facilitada pela posição geográfica da cidade, cercada por rios, e constituiu-se em uma das ocupações mais procuradas por mulheres. Exercia ao ar livre, passaria por transformações e entraria em declínio com o advento da água encanada – inicialmente em chafarizes distribuídos pela cidade, em seguida nas próprias casas. Já a ocupação de ama de leite era uma das que possibilitavam melhor remuneração para imigrantes europeias (que costumavam gozar de preferência para exercer a função). A ocupação também entraria em rápido declínio com inovações – neste caso associadas ao leite de vaca higienizado, ao leite em pó e demais alternativas de alimentação infantil. Também pesou nesse declínio o crescimento de preocupações com a propagação de doenças, o que levou ao questionamento das condições em que era realizada a chamada "amamentação mercenária".

Assim são, enfim, caracterizados os principais elementos do cotidiano urbano "porta adentro", em que o trabalho feminino cumpre papel central. O trabalho feminino domiciliar (frequentemente de costura e confecção), o trabalho doméstico, a lavagem de roupas e a "amamentação mercenária" compõem um quadro das estratégias femininas no cotidiano, fundamental para o

Jayo, Martin. RG&PP, 11(1): 187-194, 2021.
DOI: 10.11606/rgpp.v11i1.188592

entendimento do trabalho imigrante e da dinâmica da cidade.

Considerações Finais: contribuições e comentários críticos

Como já mencionado, o estudo do cotidiano não deve despolitizar a análise. Talvez seja essa uma das maiores contribuições do livro: mostrar de que forma relações de poder determinam as estratégias cotidianas de trabalho e sobrevivência, e como isso se materializou no cenário urbano da imigração. Ao mesmo tempo, ao jogar luz à experiência feminina, a autora descortina um conjunto de atividades e estratégias pouco estudadas e conhecidas, relativas ao papel das mulheres nas estratégias sociais de sobrevivência. O livro colabora para desfazer as diferentes formas de ocultamento do papel feminino – cultural, legal, espacial. Ao fazer isso, a partir do cotidiano, permite um olhar mais integrado sobre os processos sociais nas cidades no contexto da imigração, integrando relações de poder e de gênero.

Quanto às limitações, a própria autora destaca, ao final do livro, que restaurar essas reações enfrentou dificuldades justamente por tratar-se de histórias envoltas em ocultamento. Maria Izilda Santos de Matos termina o livro reconhecendo que a pesquisa não está concluída, e que "[…] uma ampla agenda de investigações […] ainda está por ser cumprida" (Matos, 2019, pos. 2203). Como possível tópico dessa agenda, ousamos sugerir um olhar ainda mais ampliado sobre questões relacionadas a gênero. A riquíssima análise desenvolvida no livro ficaria ainda mais completa se, de um lado, se aprofundasse mais no comércio do sexo como estratégia de sobrevivência e, de outro, adicionasse ao foco no feminino um outro menos explorado e sujeito a ocultamentos ainda maiores: o cotidiano e experiência dos dissidentes sexuais, que certamente contribuíram para as "outras histórias" que precisam ser contadas sobre a cidade.

Referências Bibliográficas

Matos, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. 2. ed. São Paulo: e-Manuscrito, 2019.

Recebido em 04/10/2020.
Aceito em 11/11/2020.